

COLUNA

## **Carnaval 2025**

### **QUEM TEM MEDO DE XICA MANICONGO NO CARNAVAL? : A TRAVESTI QUE MORA NA FUMAÇA DO G.R.E.S TUIUTI**

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva<sup>1</sup>

A Paraíso do Tuiuti acertou em cheio ao escolher Xica Manicongo como tema do seu enredo para 2025. A escola, que nos últimos anos se consolidou como uma das mais afiadas no debate social dentro do Carnaval, agora mergulha na história da primeira pessoa trans registrada no Brasil colonial. E convenhamos, a Tuiuti sabe como transformar narrativas invisibilizadas em potentes espetáculos na Sapucaí. Xica Manicongo era uma pessoa escravizada em Salvador no século XVI, e seu nome aparece em documentos da época como alguém que vestia roupas femininas e exercia o ofício de alfaiate. Mas, para além dos registros oficiais, sua existência simboliza a resistência da população LGBTQIA+ negra desde os primórdios do Brasil. Ao trazer essa figura para o desfile, a Tuiuti não apenas resgata uma personagem histórica, como também coloca em cena uma discussão fundamental sobre identidade de gênero.

Quando Xica Manicongo chegou ao Brasil no século XVI, o país ainda era uma colônia portuguesa regida pelas Ordenações do Reino, especificamente as Ordenações Afonsinas e, posteriormente, as Ordenações Manuelinas. O

---

<sup>1</sup> Professor Assistente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

ordenamento jurídico da época refletia a moralidade imposta pela Igreja Católica, e práticas entendidas como "sodomia" eram severamente punidas. Inspiradas no direito canônico e nas tradições inquisitoriais, essas leis criminalizavam qualquer comportamento sexual que fugisse do modelo heteronormativo e reprodutivo, chegando a prever penas brutais, como a fogueira, para quem fosse condenado. No contexto colonial, essas normas eram aplicadas de maneira seletiva e muitas vezes usadas como instrumento de controle social, especialmente contra pessoas escravizadas e indígenas. O caso de Xica Manicongo, registrado como alguém que vestia roupas femininas, sugere que existiam expressões de gênero diversas que desafiavam as rígidas normas impostas pela colonização. O fato de seu nome ter sido mencionado em documentos históricos indica que, mesmo diante da repressão, corpos dissidentes resistiram e deixaram suas marcas na história do Brasil.

No século XVI, em muitas sociedades africanas, a homossexualidade e as identidades de gênero não eram vistas com a rigidez moral imposta pelo cristianismo e pelo colonialismo europeu. No Reino do Congo, de onde Xica Manicongo provavelmente veio, existiam práticas e expressões de gênero diversas que não se enquadravam nos moldes binários ocidentais. O próprio sistema social do Congo permitia relações homossociais e até reconhecia figuras que hoje poderíamos entender como não conformes ao gênero designado ao nascer. Nos relatos históricos, há menções a sacerdotes e figuras espirituais que se vestiam de maneira distinta do esperado para seu gênero, muitas vezes associados a cultos religiosos ou funções especiais dentro da comunidade. Um exemplo são os ngangas, sacerdotes e curandeiros que mediavam a relação entre os vivos e o mundo espiritual.

Outro exemplo são os kitembos, figuras associadas a cultos ancestrais e aos poderes dos espíritos, que muitas vezes rompiam com a norma binária de gênero, vestindo roupas consideradas femininas ou masculinas de acordo com o ritual ou a posição social que ocupavam. Esse fenômeno não era incomum em outras partes da África, onde líderes religiosos muitas vezes possuíam uma performance de gênero

híbrida, simbolizando sua conexão com o divino. A religião predominante no Reino do Congo era baseada no culto ao deus supremo Nzambi Mpungu, criador do universo, e na veneração dos espíritos ancestrais, os bakulu. Os rituais envolviam danças, sacrifícios e a comunicação com o mundo espiritual por meio dos ngangas. A crença na existência de um mundo invisível interligado ao mundo material permitia uma fluidez nas relações sociais e identitárias, algo que foi brutalmente reprimido pelo cristianismo imposto pelos portugueses a partir da conversão do rei Nzinga a Nkuwu ao catolicismo em 1491. Diferentes grupos étnicos africanos possuíam concepções próprias sobre gênero e sexualidade, e a condenação de práticas homoafetivas só se tornou mais evidente com a influência cristã e islâmica trazida pelo contato com europeus e árabes.

Luiz Mott, um dos principais antropólogos e historiadores brasileiros a estudar a história da população LGBTQIA+ no país, encontrou o registro de Xica Manicongo nos arquivos da Inquisição, especificamente em documentos da Visitação do Santo Ofício na Bahia no século XVI. Esses registros eram produzidos pelos inquisidores portugueses que vinham à colônia para investigar e punir comportamentos considerados pecaminosos pela Igreja Católica, incluindo a “sodomia”, como era chamada qualquer relação homoafetiva ou identidade de gênero dissidente. A Paraíso do Tuiuti nos brinda com um debate sobre os arquivos históricos, que são fundamentais para revelar histórias apagadas e trazer à tona personagens como Xica Manicongo. Muitas dessas narrativas ficaram invisibilizadas porque a história oficial sempre privilegiou os registros dos colonizadores, ignorando as vozes das pessoas escravizadas, indígenas e dissidentes. No entanto, os documentos da Inquisição, por mais que tenham sido produzidos por uma estrutura opressora, acabam sendo uma das poucas fontes que registram a existência dessas pessoas, ainda que sob o viés da perseguição.

A descoberta de Xica nos arquivos foi essencial para que ela pudesse ser resgatada e reconhecida como um dos primeiros nomes LGBTQIA+ da história do Brasil. Essa mesma importância se reflete nos enredos das escolas de samba, que

muitas vezes se baseiam em documentos históricos para recontar histórias de resistência. O Carnaval se tornou um espaço onde narrativas marginalizadas podem ser celebradas, trazendo para a avenida personagens que o Estado tentou silenciar. Foi assim com enredos como “Ratos e Urubus, Larguem Minha Fantasia”, da Beija-Flor (1989), que abordou a exclusão social, e “História para Ninar Gente Grande”, da Mangueira (2019), que ressignificou os heróis nacionais. A condição dos arquivos públicos no Brasil é, infelizmente, precária. Sofremos com a falta de investimentos, infraestrutura inadequada, risco constante de incêndios e enchentes, além da burocracia que dificulta o acesso de pesquisadores e da população em geral. O descaso do Estado se reflete no sucateamento de instituições como o Arquivo Nacional, que já passou por cortes orçamentários severos, e no trágico incêndio da Cinemateca Brasileira, que destruiu parte irreparável do patrimônio audiovisual do país. Sem políticas de preservação adequadas, corremos o risco de perder documentos fundamentais para entender nossa própria história.

No Brasil, existem diferentes tipos de arquivos que guardam informações essenciais sobre nossa trajetória. Os arquivos públicos, como o Arquivo Nacional e os arquivos estaduais e municipais, guardam registros administrativos, documentos históricos e processos judiciais. Os arquivos eclesiásticos, mantidos por dioceses e paróquias, guardam registros de batismos, casamentos e até inquéritos inquisitoriais, como os que mencionam Xica Manicongo. Os arquivos privados, pertencentes a famílias, instituições ou empresas, muitas vezes contêm cartas, fotografias e registros que complementam as histórias oficiais. Já os arquivos audiovisuais e iconográficos, como os da Cinemateca ou do Instituto Moreira Salles, preservam imagens, filmes e registros visuais que ajudam a compor a memória nacional. O desfile das escolas de samba, por sua vez, é um dos poucos momentos em que o grande público tem acesso a essas histórias de forma emocionante e acessível. É um ato de educação pelo samba, onde o arquivo morto vira narrativa viva. Ao colocar Xica Manicongo na avenida, a Paraíso do Tuiuti retira dos documentos da Inquisição uma figura historicamente marginalizada e a transforma em protagonista. O Carnaval assume esse papel pedagógico, recuperando

personagens e episódios que deveriam estar nos livros didáticos, mas que só chegam às massas graças ao esforço das escolas de samba. Preservar arquivos é garantir que esses enredos continuem existindo, para que o passado não se perca e para que o samba continue sendo um professor da nossa história.

Falar de uma travesti na estrutura de uma escola de samba é um ato de resistência, especialmente em um país onde a transfobia é uma realidade brutal e institucionalizada. O Brasil segue como o país que mais mata pessoas trans no mundo, e essa violência não é apenas fruto do ódio individual, mas de uma estrutura que se sustenta no preconceito. Durante o governo Bolsonaro, essa transfobia foi escancarada como política de Estado: cortes em políticas públicas para a população LGBTQIA+, discursos abertamente preconceituosos e a promoção de figuras que disseminam ódio fizeram parte da cartilha bolsonarista. Foi um governo que negou direitos básicos, desmantelou o Conselho Nacional LGBTQIA+, incentivou a censura de exposições e materiais didáticos e tratou a diversidade de gênero como uma ameaça. Bolsonaro e sua base política transformaram a transfobia em bandeira eleitoral, alimentando um moralismo acre que legitima a violência. Não é coincidência que, durante esse período, travestis e pessoas trans tenham sofrido ainda mais com o desemprego, a precarização da vida e o abandono estatal.

É nesse contexto que a Paraíso do Tuiuti traz Xica Manicongo para a avenida. Um enredo que não é apenas sobre o passado, mas sobre o presente. Sobre corpos que foram perseguidos desde a Colônia e que ainda são caçados hoje. A escolha da escola é um tapa na cara dos que tentaram apagar nossa história e uma resposta a um governo que tentou nos empurrar de volta para a margem. Quando a Tuiuti colocar uma travesti no centro da Sapucaí – e terão muitas delas lá! –, estará reafirmando que o Carnaval é, sim, um território de luta, onde a cultura popular vence o ódio e onde a história dos marginalizados se transforma em potência. Falar de Xica Manicongo é também celebrar todas as travestis que vieram antes e que seguem abrindo caminhos, enfrentando um país que insiste em negar sua existência. A história das travestis brasileiras não começa nem termina na perseguição: ela é

feita de luta, de reinvenção, de inteligência e de arte. Por isso, é fundamental saudar aquelas que, em diferentes frentes, desafiaram o preconceito e construíram possibilidades para as próximas gerações.

Salve Joyce Alves, gigante da militância e da academia, que transformou o espaço universitário em um território de resistência para pessoas trans! Salve Megg Rayara, mulher de axé, que nos ensina sobre fé, cultura e identidade! Salve Letícia Nascimento, que nos dá ferramentas para pensar raça e transgeneridade de forma indissociável! Salve Jaqueline Gomes de Jesus, referência indispensável no debate sobre direitos humanos, trabalho e inclusão! Salves as muitas mulheres trans e travestis que dignificam o Carnaval 2025 com suas potentes energias!!! Agora, para terminarmos com o samba na ponta da língua, vamos à letra escolhida pela Paraíso do Tuiuti?

*A cada 34 horas*

*Há um assassinato de pessoa LGBTQIAPN+*

*Colocando o Brasil como número 1 neste tipo de morte violenta*

*Por isso, trazer luz à história de Xica Manicongo é fundamental*

*O paraíso do Tuiuti é Xica*

*Todas somos Xica*

*Xica vive na fumaça*

*Vim da África Mãe, ê-ô*

*Mas se a vida é vã, ê-ô (mumunha)*

*Kimbanda me fiz, nganga é raiz*

*Eu pego o touro na unha*

*Ê pajubá*

*Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê*

*Ê mojubá*

*Põe marafo, fubá e dendê (pra Exu)*

*Ê pajubá*

*Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê*

*Ê mojubá*

*Põe marafo, fubá e dendê*

*Só não venha me julgar, ô-ô*

*Pela boca que eu beijo*

*Pela cor da minha blusa*

*E a fé que eu professar*

*Não venha me julgar*

*Eu conheço o meu desejo*

*Este dedo que acusa*

*Não vai me fazer parar*

*Faz tempo que eu digo não*

*Ao velho discurso cristão, sou Manicongo*

*Há duas cabeças em um coração*

*São tantas e uma só, eu sou a transição*

*Carrego dois mundos no ombro*

*Vim da África Mãe, ê-ô*

*Mas se a vida é vã, ê-ô, mumunha*

*Kimbanda me fiz, nganga é raiz*

*Eu pego o touro na unha*

*Vim da África Mãe, ê-ô*

*Mas se a vida é vã, ê-ô, mumunha*

*Kimbanda me fiz, nganga é raiz*

*Eu pego o touro na unha*

*(Eu sou) a bicha, invertida e vulgar*

*A voz que calou o cis tema*

*A bruxa do conservador*

*O prazer e a dor*

*Fui pombogirar na jurema*

*Chama a Navalha, a da Praia e a Padilha*

*As perseguidas na parada popular*

*E a Mavambo reza na mesma cartilha*

*Pra quem tem medo, o meu povo vai gritar*

*Eu, travesti*

*Estou no cruzo da esquina*

*Pra enfrentar a chacina*

*Que assim se faça*

*Meu Tuiuti*

*Que o Brasil da terra plana*

*Tenha consciência humana*

*Xica vive na fumaça*

*Ê pajubá*

*Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê*

*É mojubá*

*Põe marafo, fubá e dendê (pra Exu)*

*Ê pajubá*

*Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê*

*É mojubá*

*Põe marafo, fubá e dendê*

*Só não venha me julgar, ô-ô*

*Pela boca que eu beijo*

*Pela cor da minha blusa*

*E a fé que eu professar*

*Não venha me julgar*

*Eu conheço o meu desejo*

*Este dedo que acusa*

*Não vai me fazer parar*

*Faz tempo que eu digo não*

*Ao velho discurso cristão, sou Manicongo*

*Há duas cabeças em um coração*

*São tantas e uma só, eu sou a transição*

*Carrego dois mundos no ombro*

*Vim da África Mãe, ê-ô*

*Mas se a vida é vã, ê-ô, mumunha*

*Kimbanda me fiz, nganga é raiz*

*Eu pego o touro na unha*

*Vim da África Mãe, ê-ô*

*Mas se a vida é vã, ê-ô, mumunha*

*Kimbanda me fiz, nganga é raiz*

*Eu pego o touro na unha*

*(Eu sou) a bicha, invertida e vulgar*

*A voz que calou o cis tema*

*A bruxa do conservador  
O prazer e a dor  
Fui pombogirar na jurema  
Chama a Navalha, a da Praia e a Padilha  
As perseguidas na parada popular  
E a Mavambo reza na mesma cartilha  
Pra quem tem medo, o meu povo vai gritar*

*Eu, travesti  
Estou no cruzo da esquina  
Pra enfrentar a chacina  
Que assim se faça  
Meu Tuiuti  
Que o Brasil da terra plana  
Tenha consciência humana  
Xica vive na fumaça*

*Ê pajubá  
Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê  
É mojubá  
Põe marafo, fubá e dendê (pra Exu)  
Ê pajubá  
Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê  
É mojubá  
Põe marafo, fubá e dendê*

*Ô, ô, ô, ô, ô  
Ô, ô, ô, ô, ô*